

**ENSINO ON-LINE DE ADMINISTRAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19:
Pesquisa de opinião com alunos de graduação em Administração na cidade
de Vitória/ES**

Victor Hugo Alves de Souza
Universidade Paulista
victor_hugodesouza@hotmail.com

Simone da Costa Fernandes
Universidade Federal do Espírito Santo
fernandessimone26@gmail.com

Adriana Fiorotti Campos
Universidade Federal do Espírito Santo
afiorotti@yahoo.com

Eduardo Henrique Loreti
Centro Universitário da Grande Dourados
eduardomicrofisio@gmail.com

RESUMO

A educação *on-line* foi considerada como única modalidade de ensino viável durante a pandemia da COVID-19, principalmente por resguardar o isolamento social. Porém, no Brasil, o ensino à distância tem enfrentado, algumas barreiras tais como: o preconceito, a evasão e também dificuldades relacionadas ao próprio acesso à tecnologia dentre muitos outros. Para melhor compreensão desse fenômeno, buscou-se identificar a partir da opinião dos alunos do curso de graduação em Administração, quais os impactos dessa mudança no processo de ensino-aprendizagem deles. A partir dos resultados constatou-se o despreparo e desinteresse dos alunos em estudar nessa modalidade e a necessidade de adaptação enfrentada por eles. Nesse sentido, a contribuição principal do presente artigo está em elucidar algumas dificuldades percebidas pelos estudantes mediante essa nova realidade de forma que as instituições de ensino superior, neste caso, possam repensar ou mesmo avaliar de que maneira podem minimizar os impactos causados, bem como, despertar o envolvimento do estudante mediante as limitações causadas pelo novo coronavírus.

Palavras-chaves: Ensino à Distância; Coronavírus; COVID-19; Ensino em Administração; Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A educação vem sofrendo transformações ao longo do tempo que impactaram diretamente a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem. Após o avanço das tecnologias, o formato de aulas anteriormente praticado precisou se adaptar, incorporando novas ferramentas que trariam suporte e inovariam as aulas. Essas tecnologias avançaram e a educação se rendeu às novas configurações de ensino, como é o caso da Educação à Distância (EaD), em que parte do processo de transmissão de conhecimento ocorre por meio de tecnologias, conforme destacam Hermida e Bonfim (2006).

Esse novo modelo de aprendizagem, forma mais conhecida do ensino *on-line*, leva em consideração realidades que não eram observadas nos formatos anteriores, em que muitos alunos precisavam conciliar o trabalho, para o sustento de suas famílias, com a formação educacional. Nesse sentido, a EaD veio contemplar esses discentes e suas particularidades de tempo, já que sua proposta é proporcionar educação flexível em termos de horários e turnos de estudos e distância fixa (FRANCO; CORDEIRO; CASTILLO, 2003; SARMET; ABRAHÃO, 2007). Além disso, autores como Borges e outros (2016), bem como Brito e outros (2016) salientam ainda um importante benefício percebido pelos alunos na EaD, a mensalidade mais barata, que juntamente com outros fatores, como a influência de amigos e familiares e a crença de que o ensino é mais facilitado, contribui diretamente para a escolha dessa modalidade de ensino para cursar.

Outro destaque dado a EaD versa sobre as possibilidades de interiorização e democratização do ensino superior no Brasil. De acordo com Hermida e Bonfim (2006), essa modalidade contempla formatos de educação em que o momento presencial se dá somente para avaliações, outros em que há alternância entre atividades presenciais e não presenciais, e formato totalmente à distância. Melo, Melo e Nunes (2009, p. 287), de forma complementar, enfatizam que “a Educação superior à distância vem se transformando num ícone mundial, que rompe fronteiras e facilita o acesso à formação superior a uma parcela significativa de pessoas no mundo inteiro”. Silva e Sacramento (2016) também corroboram com esta visão, ao destacar o papel que essa modalidade de ensino desempenha ao permitir práticas pedagógicas e desafios que estimulem ao educando a busca por novos conhecimentos. Dessa forma, o que se percebe é que essa pluralidade de formatos acaba por satisfazer necessidades de ensino diversas.

Com a nova pandemia de coronavírus, desde março de 2020, requereu-se, por parte da população brasileira, o distanciamento e isolamento social (SANTOS, 2020; DANIEL, 2020; MURPHY, 2020). Essa situação impactou e tem impactado diretamente as organizações, dentre elas, as instituições de ensino. Por exemplo, nas instituições públicas os cursos que existiam na modalidade presencial precisaram ser suspensos em função da necessidade de distanciamento social (UNICEF/WHO/IFRC, 2020) e também por não haver oferta destes na modalidade à distância. Deve-se salientar que, apesar disso, tais instituições se mantiveram em funcionamento, inclusive com atividades voltadas fortemente ao combate ao coronavírus por meio de diversos projetos de pesquisa, de oferta de álcool gel, de produção de protetores faciais necessários para a prestação de serviços dos profissionais de saúde etc. As Universidades Públicas vêm, no entanto, estudando e avaliando a possibilidade de ensino remoto perante suas características de pluralidade, universalidade, amplo diálogo com as diversas comunidades que as integram e principalmente se atentando ao fato da não exclusão dos discentes em situação de dificuldades sociais e econômicas.

Já as instituições de ensino superior privadas, mais autônomas no que diz respeito ao processo decisório, promoveram adaptações para que seus alunos mantivessem a rotina de aulas. Algumas modificações percebidas dizem respeito ao uso de tecnologias móvel para condução das aulas, como aplicativos para smartphones, recomendado, inclusive pela Unesco (2020a, 2020b), que além destas, reforçou o uso de programas EaD e ferramentas que permitissem a condução das aulas de forma remota. Esse é o exemplo das instituições privadas da cidade de Vitória/ES, que, buscando não prejudicar o andamento do semestre letivo dos alunos, estabeleceram novas diretrizes para atuação dos professores no ensino remoto, que passariam a utilizar, a partir de então, várias plataformas digitais como meio de orientação em suas aulas.

Assim, esse estudo se justifica, sobretudo, pela importância de se compreender como o processo de ensino-aprendizagem tem se desenvolvido no contexto de pandemia e como os alunos têm enfrentado as mudanças, evidenciadas por suas opiniões e estratégias para o enfrentamento das mesmas. Além disso, a temática é de extrema importância uma vez que o cenário vivenciado é algo novo, inusitado. Esse novo desafio à sociedade mundial requer repensar todo o processo de aprendizagem e certamente revela uma tendência à flexibilização dos meios de interação entre professores e alunos, principalmente para os cursos totalmente presenciais.

Entendendo a mudança abrupta sofrida no processo de ensino-aprendizagem em instituições de ensino superior, provocada pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), buscou-se identificar e compreender qual é a opinião de alunos dos cursos de Administração da cidade de Vitória/ES acerca dessa mudança total do processo de ensino aprendizagem para a metodologia adotada. Espera-se contribuir para a geração de novas pesquisas e/ou estratégias, dinâmicas e métodos para a atual realidade de ensino.

2 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto na pesquisa optou-se pela abordagem mista, uma vez que este estudo trata de uma pesquisa de opinião que permite apresentar as respostas de forma quantitativa, mas também identificar alguns porquês relacionados à realidade no contexto pesquisado.

Assim, a coleta de dados ocorreu por meio de uma pesquisa de opinião com perguntas fechadas e para a obtenção dos dados e informações junto aos discentes, foi elaborado um questionário estruturado na plataforma *on-line Google Forms*®. O referido instrumento foi constituído por perguntas referentes ao perfil dos respondentes (sem identificação) e sobre o ensino à distância antes e durante a pandemia e ensino remoto em substituição ao ensino presencial. É importante salientar que antes da pandemia os discentes já possuíam parte de suas matérias no sistema de educação à distância e parte no presencial, o que foi totalmente modificado em função da necessidade de isolamento social.

O questionário foi enviado através de um *link* gerado pela plataforma *Google Forms*®. A população da pesquisa foi composta por 303 discentes do curso superior de Administração (do primeiro ao oitavo períodos). Já a amostra contemplou um total de 110 respondentes. De acordo com o cálculo amostral realizado, considerando a população total de 303 respondentes, com um nível de confiança em 80% e nível de precisão de 5%, a amostra ideal seria de 104 respondentes, ou seja, o total de respostas obtidas é compatível e reflete a população da pesquisa.

O intervalo de resposta se deu entre os dias 28 de maio e seis de junho de 2020. Uma vez coletados os dados, passou-se à análise e interpretação dos mesmos. Utilizou-se a escala *Likert* e opções de múltipla escolha, como métricas para indicação das respostas, sendo a análise realizada após tabulação dos resultados no *Software Microsoft Office Excel*®. Para a

apresentação dos dados optou-se apenas pela estatística descritiva, o que implica apenas em gráficos e percentual simples das respostas.

Além da aplicação do questionário *on-line*, procedeu-se também a utilização da pesquisa bibliográfica como instrumento de coleta de dados. Por meio desta, buscou-se artigos científicos que tratassem da temática do Ensino *on-line* no Brasil para subsidiar a discussão aqui realizada e fundamentar o percurso teórico. A principal fonte de busca se deu nos Periódicos Capes.

Por se tratar de uma pesquisa de opinião utilizando questionário virtual sem identificação dos respondentes, não foi necessário a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS

Dos questionários enviados pela plataforma mencionada foram obtidas 110 respostas o que indicou uma amostra de 36,30% em relação à população total. Verificou-se que entre os participantes a maioria dos alunos respondentes era do terceiro período (26,10%), seguido pelos alunos dos sétimo e oitavo períodos, com 19,80% e 14,40%, respectivamente. No entanto, ressalta-se que, embora com percentuais diferentes, houve participação de alunos de todos os períodos do curso de bacharelado em Administração (oito semestres).

O primeiro bloco de questões, compreendeu questões relacionadas ao perfil dos alunos, tais como: faixa etária, sexo e estado civil. Do total de respostas, observou-se que as mulheres eram a maioria totalizando 69,4%. Quanto ao estado civil, os solteiros representavam maioria com um percentual de 53,2%, em seguida estavam os casados com 35,1%, os divorciados (9,9%) e os separados (1,8%). Sobre as faixas etárias, a primeira de 18 a 25 anos representou 28,18% dos alunos, a segunda de 26 a 35 anos contemplou um percentual de 39,09% do grupo pesquisado, a terceira de 36 a 45 anos e a quarta de 46 anos acima, corresponderam, respectivamente, a 24,55% e 8,18% das respostas.

As indagações sobre a relação dos discentes com a Educação à Distância antes da pandemia do novo coronavírus ficaram agrupadas no segundo conjunto de perguntas. Dentre as questões, buscou-se identificar qual o tempo gasto (quantidade de dias e horas) por semana com o acesso e estudo no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). As respostas indicaram que 57,27% dos alunos não se conectavam à plataforma mais que duas vezes por semana,

enquanto que uma minoria (15,45%) destacou realizar entre cinco e sete acessos durante a semana. Sobre o tempo de duração, a quase totalidade dos respondentes (96,36%) disse permanecer menos que seis horas no AVA. Por sua vez, apenas quatro alunos (3,63%) indicaram dedicar mais tempo ao ambiente virtual. No mesmo bloco, buscou-se verificar na opinião dos respondentes se o AVA agregava valor ao processo de ensino-aprendizagem deles. Neste contexto, 77,50% dos respondentes alegaram acreditar que não houvesse contribuição.

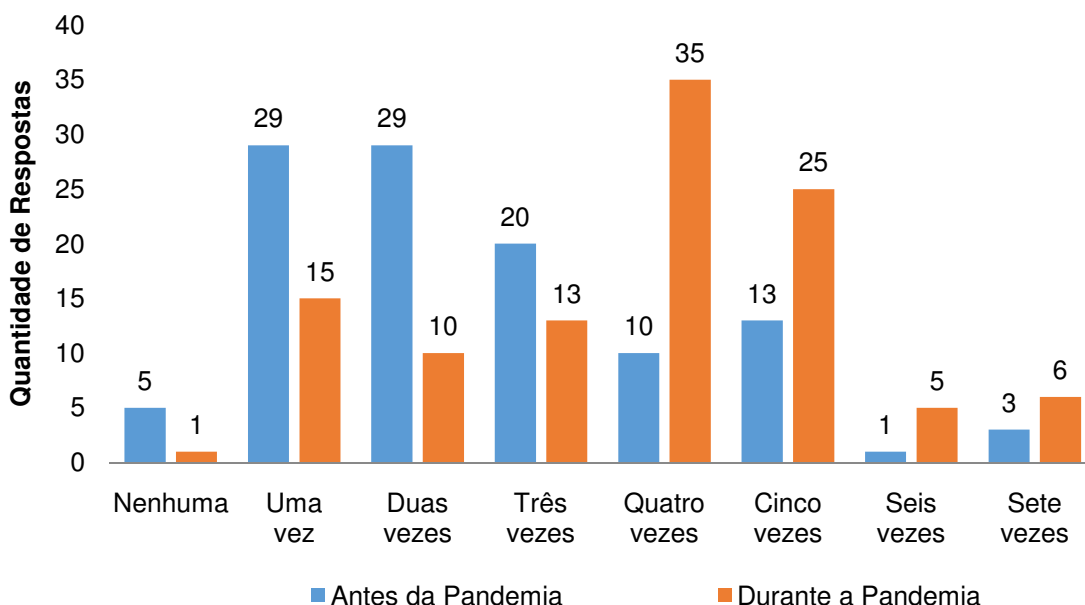
Para que se pudesse estabelecer um comparativo da relação com a EaD antes e durante a pandemia, foi solicitado, no terceiro bloco, que os alunos apontassem quantos dias e horas estariam dedicando ao acesso e estudo no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Após análise das respostas foi possível verificar um novo cenário, qual seja: houve uma queda significativa de 33,64% no grupo que anteriormente havia apontado não acessar mais que duas vezes por semana o ambiente virtual; ou seja, agora totalizam apenas 23,63% dos respondentes. Se antes o percentual dos alunos que acessavam entre três e quatro vezes era de 27,28%, com a chegada da pandemia, o número cresceu para 43,63%. Outra mudança considerável ocorreu no grupo que representava os alunos que acessavam o AVA entre cinco e sete vezes por semana, agora passaram a totalizar 32,73%. Porém, ao verificar o tempo total gasto nos acessos, a mudança não parece ter sido tão drástica, ou seja, os alunos passaram a acessar mais vezes, no entanto, parecem ter diminuído o tempo gasto em cada acesso. Com relação ao maior acesso e quantidade de tempo gastos, esperava-se que houvesse mudança nos dois fatores já que o ensino passou a ser totalmente *on-line*.

É importante salientar que a mudança identificada nos valores encontrados quanto à quantidade de acesso ao AVA e no tempo gasto se justifica na alteração do formato de ensino sofrida pelos discentes. A população da pesquisa era composta por alunos de graduação em administração de uma modalidade híbrida, isto é, possuíam aulas presenciais (quatro ao todo) e duas à distância.

Até o decreto da pandemia, o acesso ao AVA não se traduzia em uma preocupação para os discentes, que possuíam contato presencial com os professores em cada disciplina. A necessidade de isolamento provocou uma corrida por parte dos alunos não só para adaptação ao novo formato mas também implicou na aquisição de meios para tornar possível continuar assistindo as aulas.

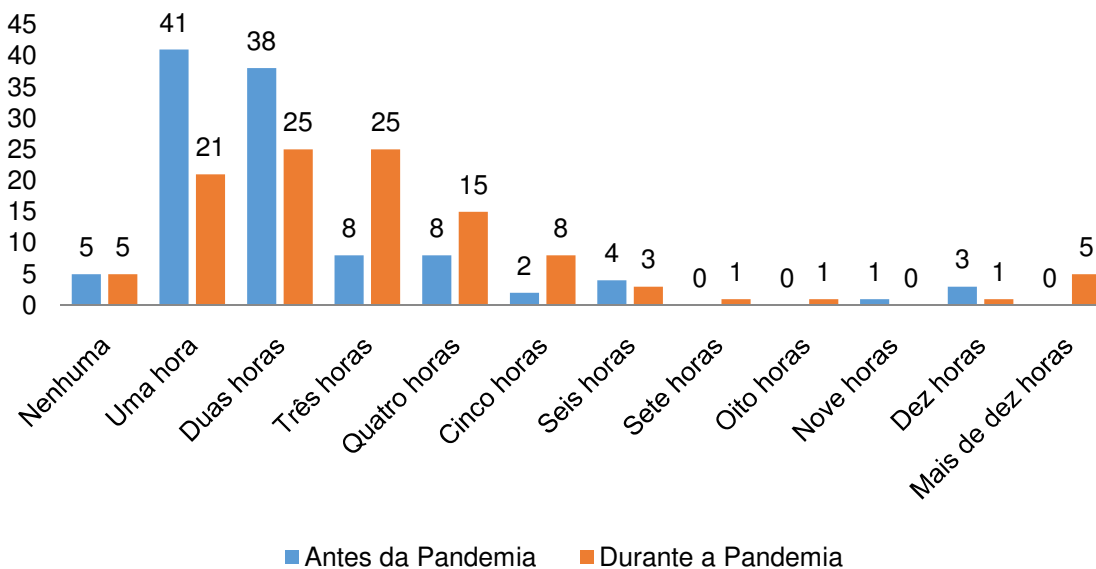
Nos Gráficos 1 e 2 é possível observar as mudanças mencionadas.

Gráfico 1 - Comparação entre a quantidade de acesso ao AVA antes e durante a pandemia



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – Comparação entre o tempo gasto no AVA antes e durante a pandemia

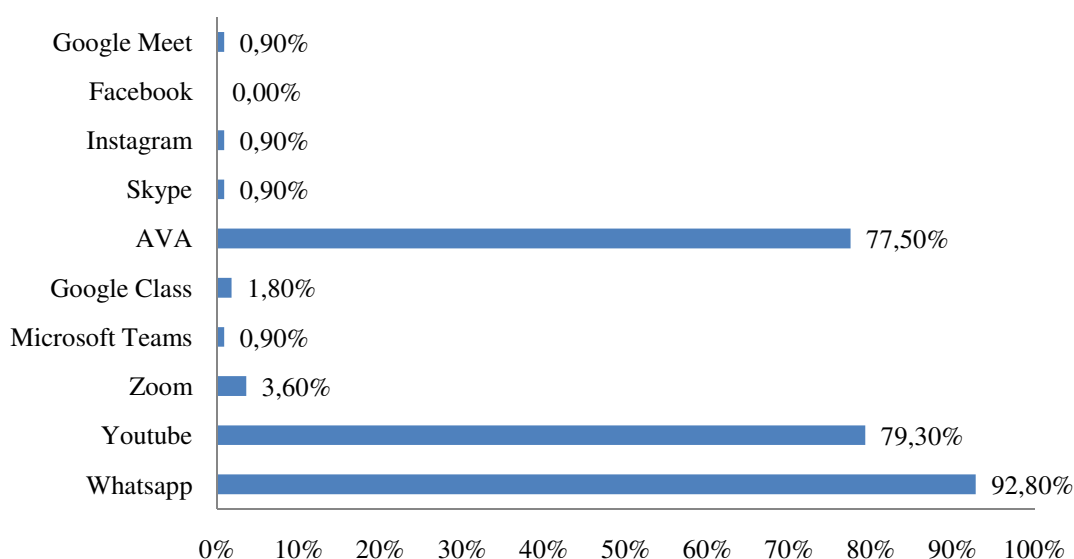


Fonte: Elaboração própria.

Além da mudança da quantidade de tempo e de acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem, notou-se, com base nas respostas apresentadas que outras plataformas também passaram a ser meios para a realização das aulas no novo modelo de ensino o que está de acordo com a alteração realizada para o ensino *on-line* (utilização também do ensino remoto).

Buscando descobrir quais seriam as novas ferramentas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia, questionou-se que outros meios estavam sendo usados. O *WhatsApp*® foi indicado como a ferramenta mais acessada (92,8%), seguido pelo *Youtube*® (79,30%). É importante observar também que não há restrição de utilização somente destas três plataformas, tendo sido indicados ainda o *Google Meet*®, *Instagram*®, *Microsoft Teams*®, o *Skype*® e outras, conforme pode ser visto no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Ferramentas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia

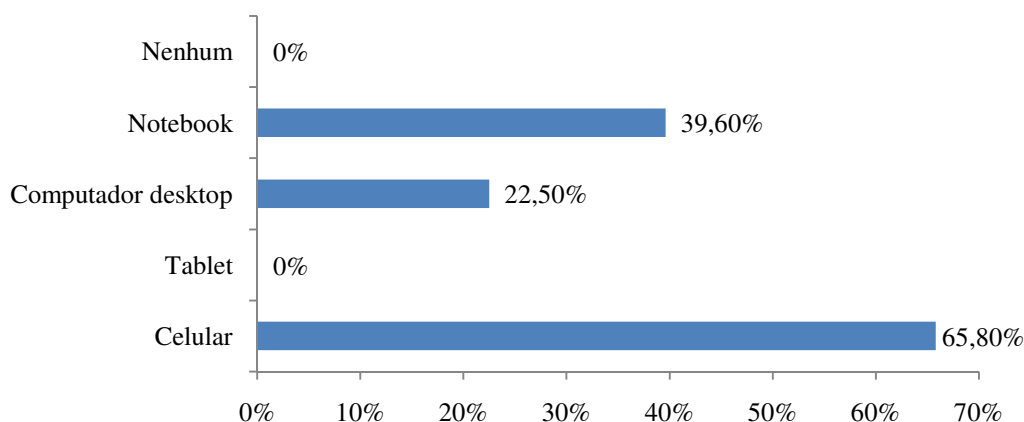


Fonte: Elaboração própria.

Conforme se pode perceber, o processo de ensino-aprendizado sofreu modificações significativas em função da atual pandemia. Há mudança no comportamento tanto dos alunos, que passaram a acessar o AVA em momentos distintos aos que acessavam antes, quanto dos professores, que em virtude da necessidade de distanciamento social, precisaram estabelecer uma nova sistemática de ensino, agora totalmente virtual e síncrona.

Buscou-se também identificar quais equipamentos o aluno utilizava para realizar suas aulas *on-line*. Entre os recursos mais apontados estavam o telefone celular como instrumento de conexão (65,80% de apontamentos), seguido pelo uso do *notebook* (39,60% de indicações). Os alunos também sinalizaram fazer uso de computador *desktop* em seus estudos, conforme pode ser visto no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Tipo de equipamento utilizado para acesso ao AVA antes da pandemia



Fonte: Elaboração própria.

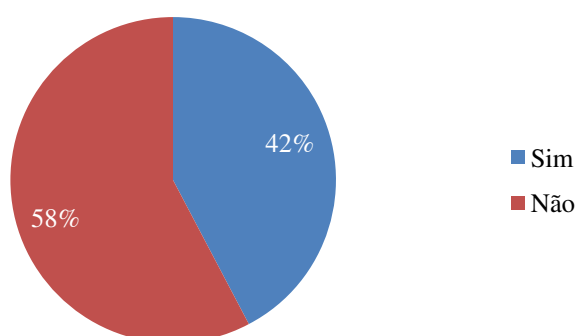
Outra situação questionada versava sobre a aquisição, compartilhamento ou empréstimo de novos equipamentos para continuidade das atividades acadêmicas, onde 33% dos participantes disse ter precisado agir nesse sentido para que pudesse ter um novo instrumento. Quando perguntados sobre qual teria sido, 7,70% indicou o telefone celular, 19,20% indicou aquisição de computador *desktop* e 37,20% disse ter comprado um novo *notebook*. Para finalizar o terceiro grupo de perguntas, os alunos foram solicitados a apontar se eles se sentiam preparados para a nova realidade de aprendizado. Ao responder esta questão, 76,60% dos respondentes declararam não estarem preparados para essa nova realidade.

No quarto grupo de questões, pretendeu-se avaliar junto aos discentes a respeito do (1) atual formato de aulas, (2) métodos e dinâmicas de ensino e (3) preparo dos professores. Na primeira pergunta foi solicitado que atribuíssem nota de zero a dez (sendo dez a nota mais alta) se o atual modelo de aulas (formato remoto) está ou não despertando interesse para participar e interagir. Como resposta a este questionamento, tem-se que 63,63% atribuiu nota menor ou igual a cinco, enquanto que 17,27% conferiu nota igual ou superior a oito o que indica que poucos alunos sentem-se motivados a participar e interagir nesse formato de aula. Na segunda questão, foi verificado se os alunos acreditavam que os métodos e dinâmicas utilizadas na condução das aulas virtuais despertavam algum desejo de participar mais ativamente das aulas. O resultado indicou “sim” para a maioria dos alunos (60,40%). Por fim, foi solicitado aos alunos que avaliassem o preparo de seus professores para atuar nessa nova realidade de ensino. Quase metade dos respondentes (43,64%) sinalizaram não perceber

preparo em seus professores para condução das aulas nesse formato.

No penúltimo conjunto de questões, os respondentes foram perguntados sobre a necessidade de modificações em seu ambiente de estudo. De acordo com o gráfico 5, a seguir, mais de 40% sinalizou ter precisado realizar alguma adaptação.

Gráfico 5 – Necessidade de adaptação no ambiente de estudo



Fonte: Elaboração própria.

No último bloco foi solicitado que os respondentes apontassem como gostariam que as aulas acontecessem num cenário pós-pandemia, a partir dos seguintes formatos: (1) “modelo presencial e interativo”, com apenas 3,6% dos votos, seguida por (2) “totalmente presencial” que obteve maioria (56,6% dos respondentes indicaram preferir esta modalidade), e (3) “totalmente à distância”, com 37,8% das respostas.

4 DISCUSSÃO

O advento da modalidade de Ensino à Distância vem crescendo exponencialmente ao longo dos últimos anos. A oferta no número de cursos e o acesso facilitado à educação superior têm contribuído diretamente para essa expansão. De acordo com Hermida e Bonfim (2006), esse crescimento também está justificado numa sociedade baseada em informação e conhecimento de forma instantânea. Os autores ressaltam a origem epistemológica da palavra, que pode ser conceituada como “um processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologia” (HERMIDA; BONFIM, 2006, p. 168). De forma complementar, Mantovani, Gouvêa e Tamashiro (2015) definem a Educação à Distância como um meio em que o aluno

estuda remotamente, sem qualquer necessidade de presença física.

O surgimento desse modelo de educação está pautado na necessidade de “crescimento, expansão, diversificação, especialização, diferenciação dos sistemas de educação superior, associados à generalização da informática e das telecomunicações – estimuladas pela tendência na modernização produtiva e a globalização dos mercados” (HERMIDA; BONFIM, 2006, 167). Para os autores, esses fatores foram o que impulsionaram a mudança das Instituições de Ensino Superior, que precisaram se adaptar frente à “emergência de novos cenários e modalidades de ensino” (HERMIDA; BONFIM, 2006, p. 167).

O que se percebe no texto de Hermida e Bonfim (2006) é que esse modelo de educação surgiu e vem se destacando por se comportar como uma alternativa de ensino aos alunos que encontram barreiras e dificuldades para estarem e permanecerem presentes numa jornada de ensino integral. Nesse sentido, cabe ressaltar o papel social desempenhado pela EaD, que conforme com Hermida e Bonfim (2006) apesar de não ser mais tido como novo modelo, pode contribuir diretamente para a democratização do ensino. Melo, Melo e Nunes (2009), por sua vez, salientam a possibilidade de interiorização do ensino superior no país, e Mugnol (2009) destaca que esse método tende a revelar questões de ordem psicoemocional nos alunos, como a independência intelectual. Para Melo, Melo e Nunes (2009, p. 287), a EaD se configura como um ícone mundial, pois “rompe barreiras e facilita o acesso ao ensino superior a uma parcela significativa de pessoas no mundo inteiro”.

Apesar disto, Lapa e Pretto (2010) vão à contramão dos autores ao revelar que a Educação à Distância impera sobre o afastamento físico e temporal entre docentes e discentes. Porém, é o afastamento físico, criticado pelos autores, que permite que o ensino *on-line*, isto é, ensino remoto e ensino à distância, seja a alternativa viável para continuidade do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia.

Outro ponto destacado por Lapa e Pretto (2010) versa sobre a possibilidade de prejuízo para o processo de ensino-aprendizagem, já que pela utilização de múltiplos profissionais há afastamento entre o pensar e o fazer da prática docente.

Sousa e Piolli (2017) também criticam a atribuição de práticas docentes a outros profissionais, como os conteudistas, contratados para criação e uniformização de conteúdo a ser trabalhado na EaD, que não necessariamente se traduz na metodologia e referencial escolhido pelo professor. De forma corroborativa, Sousa (2019) enfatiza que esse processo de divisão do trabalho docente além de comprometer sua identificação, contribui para a perda do

controle sobre parte de seu processo de trabalho. Embora haja a previsão de conteudistas no ensino à distância, na instituição pesquisada os próprios professores precisaram buscar se adequar e eleger meios e plataformas para o ensino e interação junto aos alunos. Esse aspecto foi percebido quando os próprios discentes sinalizaram utilizar mais de uma plataforma (*Whatsapp, Youtube, Zoom*) em suas aulas, denotando o esforço dos profissionais da instituição em buscar formas e maneiras que fossem mais adequadas para continuidade da prática docente e do processo de ensino-aprendizagem.

Dados do Censo de Educação Superior do Brasil, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019) indicam crescimento significativo no número de novos entrantes na educação superior. Em números absolutos, os novos ingressantes passaram de 1.073.497 em 2017 para 1.373.321 em 2018, que representou 40% do total geral deste ano. Esse crescimento pautou-se também no aumento significativo no número de oferta de cursos superiores na modalidade à distância (INEP, 2019). Em termos de matrículas, o número foi ainda maior, totalizando 2.056.511 (2018), que representou 24,3% das matrículas totais. Nos cursos de modalidade tecnológica, a procura é ainda maior, aproximadamente 52% do total de matrículas em 2018 corresponderam a esse tipo de ensino superior (INEP, 2019).

Muitos são os motivos que levam os alunos a escolher estudar nessa modalidade de ensino. Entre os principais, destacam-se o tempo e flexibilidade proporcionada pela modalidade de ensino quanto aos horários, questões de ordem financeira, demandas familiares e profissionais. Mas ao mesmo tempo em que esses critérios são decisivos para o ingresso de novos alunos no ensino superior, são também as maiores causas de abandono e evasão, conforme destacam Lapa e Pretto (2010).

Os resultados da pesquisa evidenciam o que apregoam estes autores. Parte dos alunos identifica essa modalidade como alternativa para sua realidade. O questionário buscou identificar como os estudantes se sentiam em relação ao formato do ensino que consumiam. Assim, 37,8% sinalizaram preferir o ensino totalmente à distância, justificado pelos motivos já mencionados por Lapa e Pretto (2010). Por outro lado, 56,6% dos respondentes sinalizaram preferir o ensino totalmente presencial, alegando a motivação e o compromisso que o contato físico traz a eles.

Apesar de ser considerada uma alternativa para a educação superior, principalmente pelo viés “tempo”, indicado em diversas pesquisas como as de Borges e outros (2016) e Britto

e outros (2016), é importante revelar a existência de outros fatores determinantes para a escolha dessa modalidade de ensino. Para Britto e outros (2016), por exemplo, o aluno optante por esse sistema é mais motivado e orientado à realização de tarefas, o que é justificado na fala de Hermida e Bonfim (2006, p. 167), quando salientam a demanda da EaD por uma responsabilidade do aluno, que precisa empregar maiores esforços e dedicação para que se alcance os melhores níveis de aprendizagem. Destacam ainda que “a eficácia está na interatividade, no interesse e no esforço pessoal” (HERMIDA; BONFIM, 2006, p. 167). Na contramão da visão de Hermida e Bonfim (2006) de uma EaD mais interativa a partir de recursos digitais e tecnológicos, Lapa e Pretto (2010) destacam que essa modalidade convive com uma infraestrutura de enorme precariedade, não permitindo que haja exploração desses recursos, inclusive, por falta de aptidão necessária para a comunicação nesse formato de ensino.

Quanto ao perfil dos alunos dessa modalidade, percebeu-se nos mais variados estudos que predominantemente têm-se um público com idade adulta e com ocupação profissional e, quanto ao gênero, destacou-se a predominância de mulheres (FERREIRA; MENDONÇA; MENDONÇA, 2007; MARTINS et al., 2012; SOUZA, 2012; BORGES et al., 2016). A pesquisa aqui desenvolvida também identificou perfil semelhante para o curso de Administração, já que a maioria dos respondentes eram mulheres (69,4%) e em grande parte casadas.

O fato de muitas pesquisas revelarem esse perfil de discente pode estar diretamente relacionado às questões de ordem social e cultural, já que no Brasil o pensamento predominante versa sobre a mulher enquanto única responsável pelos afazeres do lar. Assim, a única alternativa possível para quem tem que trabalhar, cuidar dos filhos e de casa é cursar a modalidade de ensino superior à distância. Essa realidade foi percebida em falas de alguns alunos no momento em que o questionário estava sendo aplicado. Alguns salientaram ainda que precisaram “reaprender a aprender” para que conseguissem manter suas rotinas de estudos.

Apesar dos inúmeros benefícios que a Educação à Distância apresenta, deve-se destacar, conforme salienta Britto e outros (2016) aspectos negativos presentes nessa modalidade. Para os autores, a evasão, o preconceito e a desqualificação da modalidade são os maiores empecilhos para o seu crescimento. De forma complementar, Vergara (2007) afirma que o fato de existir no país uma cultura voltada ao relacionamento presencial é o que

dificulta tal expansão. Para a autora, para que a modalidade do ensino à distância alcance o sucesso almejado, as relações entre aluno e professor devem ser fortalecidas e enfatizadas, precisam ir além, olhando-se para o todo. Isso se justifica no fato de os alunos estarem mais abertos e propensos a aprenderem na presença de um professor/tutor em sala de aula, o que não necessariamente ocorre na Educação à Distância.

Essa realidade também foi percebida nesta pesquisa, já que 76,6% dos alunos da pesquisa disseram não estar preparados para a realidade de ensino totalmente à distância e menos de 5% apontaram que escolheriam essa modalidade em detrimento das outras. Muitos salientaram entre as justificativas que não existe simetria entre o ensino presencial e à distância, que quando há presença física o processo de mitigação de dúvidas é mais facilitado, que o fato de estudar por tecnologias móveis dificulta o processo, que a aula *on-line* te limita a um aprendizado mecânico, que apenas ler e assistir conteúdos gravados não são suficientes, que essa modalidade requer disciplina para estudos diários, além de tempo e espaço que muitos não possuem.

Nesse sentido, o que se percebe é a existência de esforços, inclusive por parte do Poder Público, para que a modalidade do Ensino à Distância ganhe mais visibilidade e ocupe cada vez mais espaço no segmento de educação. Apesar disto, não se observam ações de fomento de políticas que garantam o acesso ao cidadão à Internet ou até mesmo às tecnologias móveis, seja por meio de linhas de créditos de financiamento ou de políticas públicas que visem a democratização do acesso a essas ferramentas. Isso contribuiu diretamente para o despreparo de muitos alunos em lidar com a dinâmica de ensino presente nesta modalidade, principalmente em tempos de pandemia. Questões de ordem financeira, relacionada ao tempo ou a flexibilidade são preponderantes para a escolha de cursar ensino superior nesse formato.

Assim, esse estudo que buscou identificar e compreender qual é a opinião dos alunos acerca dessa mudança total do processo de ensino-aprendizagem para a metodologia à distância adotada, fornece informações importantes principalmente para que as instituições de ensino superior repensem sua abordagem de ensino-aprendizagem em momentos de isolamento social, como o da pandemia do novo coronavírus. Entre os principais destaques é importante ressaltar a utilização de materiais previamente prontos que não se adequam à atual realidade dos alunos e o despreparo de professores em lidar com o atual momento vivenciado. É de suma importância a busca pela compreensão do enfrentamento dos alunos a essa nova realidade, uma vez que é para eles que o Ensino à Distância foi desenvolvido.

5 CONCLUSÃO

O formato de ensino *on-line* ainda causa muita discussão, com vários argumentos contrários e favoráveis, como descrito no decorrer do presente artigo. No entanto, dado o momento de pandemia do coronavírus, uma solução emergencial estabelecida foi a possibilidade do uso desta modalidade no ensino superior em processos de ensino-aprendizagem que eram totalmente presenciais.

Como forma de averiguar como este processo foi recebido pelos alunos de Administração de Vitória (ES), elaborou-se um questionário, que foi encaminhado de forma virtual. Os resultados da pesquisa revelaram que na atual conjuntura, os discentes modificaram seu comportamento de acesso ao sistema virtual de aprendizagem, passando a ingressar mais vezes. Contudo, apesar do crescimento no número de acesso, houve indicativo de redução na permanência nos sistemas virtuais de aprendizagem. Outro ponto de destaque está no fato de os alunos terem passado a utilizar o *WhatsApp*® e o *Youtube*® como plataformas de aulas, além do próprio AVA, que foi considerado por 77,50% dos respondentes como uma ferramenta que não agrega valor ao processo de ensino-aprendizagem. Grande parte dos alunos revelou utilizar o telefone celular como instrumento para conexão às aulas e/ou ter tido a necessidade de aquisição de novo equipamento, como o notebook. Observou-se também que apesar do modelo de ensino vigente ser totalmente à distância em função da pandemia, 76,60% dos alunos sinalizaram preferência por um ensino integralmente presencial.

As pesquisas com este escopo ainda são escassas, o que acaba corroborando para a dificuldade de comparações. Além disso, esta pesquisa procurou centrar-se nas opiniões de alunos do primeiro ao oitavo período de graduação em Administração de uma única instituição privada da cidade de Vitória-ES, buscando sobretudo apresentar informações preliminares sobre a utilização do ensino remoto em tempos de pandemia.

Por fim, deve-se salientar que em “tempos normais” o uso do ensino *on-line* (remoto + EaD) deve ser melhor alocado e repensado, pois o aprendizado presencial tem outras particularidades que raramente serão absorvidas com a modalidade à distância, como, por exemplo, a socialização dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- BORGES, G. da R.; MONDINI, V. E. D.; DOMINGUES, M. J. C. de S.; MONDINI, L. C. A relação entre o perfil dos alunos que cursam EAD e os motivos de escolha desta modalidade. **Revista de Administração da Unimep**, v. 14, n. 2, p. 80-101, 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- BRITTO, L. C.; MINCIOTTI, S. A.; CRISPIM, S. F.; ZANELLA, W. Motivos da escolha da educação à distância: o aluno como consumidor. **Revista de Administração IMED**, v. 6, n. 2, p. 206-220, 2016.
- DANIEL, S.J. Education and the COVID-19 pandemic. **Prospects**, v. 49, p. 91-96, 2020.
- FERREIRA, Z. N.; MENDONÇA, G. A. A.; MENDONÇA, A. F. **O perfil do aluno de educação a distância no Ambiente teleduc**. 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/417200794130AM.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- FRANCO, M. A.; CORDEIRO, L. M.; CASTILLO, R. A. F. O ambiente virtual de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. **Educação & Pesquisa**, v. 29, n. 2, 2003.
- HERMIDA, J. F.; BONFIM, C. R. de S. A Educação à Distância: história, concepções e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, n. especial, p.166-181, 2006.
- INEP [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira] (Brasil). **Censo da Educação Superior 2018**. Notas Estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- LAPA, A.; PRETTO, N. de L. Educação à Distância e precarização do trabalho docente. **Revista em Aberto**, v. 23, n. 84, p. 79-97, 2010.
- MANTOVANI, D. M. N.; GOUVÊA, M. A.; TAMASHIRO, H. R. S. Segmentação e qualidade em serviços educacionais: o caso de um curso de graduação a distância. **Revista de Administração da Unimep**, v. 13, n. 1, p. 91-116, 2015.
- MARTINS, R. X.; AMARAL, L. de O.; SERAFIM, L. B.; BERTI, M. de S. O perfil sociodemográfico de candidatos a cursos de licenciatura a distância e os objetivos da Universidade Aberta do Brasil. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/handle/1/3128?mode=full>>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- MELO, P. A.; MELO, M. B.; NUNES, R. da S. A Educação à distância como política de expansão e interiorização da educação superior no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, v. 11, n. 24, p. 278-304, 2009.
- MUGNOL, M. A Educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 335-349, 2009.
- MURPHY, M. COVID-19 and emergency eLearning: Consequences of the securitization of higher education for post-pandemic pedagogy. **Contemporary Security Policy**, v. 41, n. 3, p. 492-505, 2020

SANTOS, H. M. R. dos. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **Práxis Educativas**, v. 15, p. 17-17, 2020.

SARMET, M. M.; ABRAHÃO, J. I. O tutor em educação a distância: análise ergonômica das interfaces mediadoras. **Educação em Revista**, n. 46, 2007.

SILVA, L. G.; SACRAMENTO, M. V. Educação a distância: impulso na cultura do ensino e da aprendizagem. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 3, n. 4, p.95-107, 2016.

SOUSA, A. L. H. **Mercantilização e automação do ensino superior privado**: o caso da Educação a Distância. 2019. Disponível em: <<http://fepesp.org.br/artigo/7078/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOUSA, A. L. H.; PIOLLI, E. Expansão do ensino superior privado a partir dos anos 1990: educação mercantil e precarização do trabalho docente. In: MARINGONI, Gilberto (org.). **O Negócio da Educação**: aventuras na terra do capitalismo sem risco. Federação dos Professores do Estado de São Paulo. São Paulo: Olho d'Água, 2017, p. 145-158.

SOUZA, L. B. Educação superior a distância: o perfil do novo aluno sanfranciscano. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 11, p. 21-33, 2012.

UNESCO. **UNESCO Covid-19 Education Response Education Sector Issue Notes**. 2020a. Paris: UNESCO. Disponível em: <<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

UNESCO. **Supporting teachers in back-to-school efforts: guidance for policy-makers**. 2020b. Paris: UNESCO. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373479>>. Acesso em: 8 nov.2020.

UNICEF/WHO/IFRC. **Guidance for covid-19 prevention and control in schools**. 2020. Disponível em: <<https://uni.cf/30eFjXy>>. Acesso em: 8 nov.2020.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na educação a distância. **Cadernos EBAPE**, v. 5, p. 1-8, 2007.